

## **SÃO JOÃO SUBIU AO TRONO**

**Grande auto ou mistério em 6 jornadas (em verso) de CARLOS AMARO. Publicado em 1927.**

**Representado pela primeira vez no Teatro Nacional em 31 de Dezembro de 1931.**

[...]

**4 cenas: a sala do trono no palácio real (1.º e 6.º quadros); a câmara da Rainha (2.º quadro); a sala de luto (3.º quadro); uma clareira na montanha (4.º e 5.º quadros).**

O príncipe de um reino fabuloso, acabado de casar com uma formosa Rainha, decide correr mundo para conhecer a verdade da vida. Apenas o Bobo da corte sente saudades do Príncipe e anseia pelo seu regresso. Chegam três cavaleiros, um vestido de vermelho, outro de amarelo, e o terceiro de furta-cores, que fazem a corte à Rainha, lisonjeando-lhe a vaidade. É anunciado que o Príncipe foi morto por uma Bruxa. Todos acreditam menos o Bobo. A Rainha promete a sua mão àquele dos três cavaleiros que matar a Bruxa. O Bobo tenta opor-se, insistindo em que o Príncipe está vivo, mas a Rainha prende-o num dos seus cabelos loiros, que se transforma em forte corrente. Os três cavaleiros partem. Do palácio a acção desloca-se para a montanha. Anoi-tece. Os camponeses voltam do trabalho cantando. Chegam sucessivamente os três cavaleiros, que desafiam a Bruxa. Esta vai-os matando um a um e encanta-lhes os corpos. Uma pastora que ofertara ovos, queijos e frutos para as bodas do Príncipe e da Rainha, vem à montanha em busca do Príncipe encantado pela Bruxa. Oferece a sua vida em troca da vida dele. A Bruxa pede-lhe um beijo, que a Pastora lhe dá e nesse momento desencanta-se o Príncipe, que estava transformado na própria Bruxa. Antes de voltar ao palácio em companhia da Pastora, única pessoa sincera e de coração puro que encontrou no mundo, o Príncipe adormece ao lado dela à espera que a manhã nasça. Sem terem nada que comer, o Príncipe e a Pastora roubam a única maçã da macieira e dividem-na entre os dois. Aparece o velho Guarda da Montanha, que ralha, pondo-os em fuga. Mas coloca outra maçã no ramo, e diz, bonacheirão: «O isco! Eis o isco eterno!». Povoam-se a montanha de camponeses que vão para o trabalho. Surge um S. João pequenino com o cordeiro. Chora porque se perdeu da irmã, que é a Pastora. E todos o seguem à procura dela. Entretanto, a Rainha espera ansiosa a chegada do cavaleiro que tenha vencido a Bruxa. O Bobo, acorrentado, sofre os maus tratos das aias. Entram dois mensageiros, que são o Príncipe e a Pastora disfarçados. O Príncipe revela a sua identidade, expulsa do trono a Rainha infiel, pondo em seu lugar a Pastora. É liberto e premiado o Bobo pela sua dedicação. E no meio de uma grande festa aparece o pequeno S. João, seguido pelos camponeses. Ao vê-lo, a Pastora dá-lhe o seu lugar no trono e decide voltar à serra. A Rainha é perdoada, terminando a festa com cantos e danças do povo e da corte em volta do menino.

**Luiz Francisco Rebello. *100 anos de teatro português (1880-1980)*. Porto: Brasília Editora, 1984, pp. 252-253.**

**Autorização de utilização por despacho de 28/06/2017 emitido pela Senhora Diretora Geral do Património Cultural Arqtª Paula Silva.**